

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: ESCRITOR E CRÍTICO LITERÁRIO

Rodrigo Ruiz SANCHES¹

Resumo: A ideia central deste artigo é discutir e revelar a gênese do intelectual independente que foi Sérgio Buarque de Holanda, presente desde seus primeiros escritos, mas, sobretudo, em seus discursos e ações. Para isso, *a priori*, será realizada uma análise de seus anos iniciais como estudante secundarista, quando escreveu seu primeiro artigo, publicado pelas mãos de Afonso Taunay, seu professor. A partir daí, observa-se como o estilo refinado, ousado e provocador do jovem Sérgio esteve presente desde os seus primeiros estudos. A lapidação dessa fase desembocou, com efeito, na formação do crítico literário, função que exerceu mais por necessidade que por gosto, mas que permitiu a ampliação de conhecimento em diversas áreas.

Palavras-chave: Sérgio Buarque de Holanda. Crítica literária. Pensamento social brasileiro.

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: WRITER AND LITERARY CRITIC

Abstract: The main idea of this paper is to reveal the genesis of the independent intellectual that Sérgio Buarque de Holanda was, present since his early writings, but particularly in his speeches and actions. Firstly, we will analyse his initial years as a student, when he wrote his first article, published by his teacher of Alfonso Taunay. From then on, we will notice how the refined, daring and provocative style of the young Sergio was present from his first studies. The improvement of this phase leads to the formation of the literary critic, a role that he did more need than by will, but wish increased the knowledge in several areas.

Keywords: Sérgio Buarque de Holanda. Literary criticism. Brazilian social thought.

Introdução

Helenice Rodrigues Silva (2002, p.51) afirma que a vida pessoal é importante objeto de estudo do pesquisador: “Dentro da perspectiva de uma história intelectual, as experiências de vida, ou seja, a trajetória de um autor permite traçar pistas para uma melhor compreensão das condições de elaboração de uma obra.”

Esta autora apresenta dois tipos de formação: formação humana e formação acadêmica. A formação humana se expressa no conceito de *bildung*, tal como construído pela tradição do idealismo alemão. Em oposição ao ensino oficial institucionalizado, a *bildung* refere-se a uma autoconstrução mental, psíquica e espiritual que exige independência e autonomia e efetua-se como autodesenvolvimento ético do indivíduo. Ela pressupõe, portanto, uma atuação emancipatória que não admite fins determinados exteriormente e, nesse sentido, distingue-se da educação, seja ela mantida como treinamento, seja como erudição. Por outro lado, a formação acadêmica

¹ Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara – SP – Brasil. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia. dr.rodrigoruz@gmail.com

se expressa pelo contato íntimo com alguma instituição oficial de educação, escola, ginásio ou universidade. A formação acadêmica contém um rígido controle de normas e procedimentos, configurado por presença, participação e avaliação típicos da educação formal, que tem por objetivo dar uma formação científica e filosófica ao aluno com vistas a se qualificar para a obtenção de um diploma que comprove a realização de todos os passos obrigatórios (GARCIA, 2002).

Nesse sentido, a formação humana é mais flexível, pois depende de uma série de elementos para poder ser averiguada. A seu passo, a formação acadêmica necessita somente da análise e compreensão das etapas acima mencionadas.

A formação humana será o foco deste trabalho. O ingresso de Sérgio Buarque de Holanda na vida intelectual foi inaugurado pela publicação de seu artigo “Originalidade literária”, ainda com 18 anos. Neste artigo, publicado no início dos anos 1920, já transparecem algumas características que marcarão o estilo do intelectual independente; o artigo dá início também a sua bem-sucedida carreira como crítico literário. As questões estéticas e culturais brasileiras levantadas pelos modernistas, que colocaram a interpretação do Brasil como mote principal, contribuíram de modo particular para que o jovem historiador definisse toda sua trajetória de intérprete do Brasil.

Sérgio Buarque de Holanda nasceu na cidade de São Paulo, no dia 11 de julho de 1902. Fez o curso primário na escola Caetano de Campos e o ginásio no colégio São Bento, onde foi aluno de História de Afonso Taunay.

Inicia-se na vida literária escrevendo o artigo “Originalidade literária”², publicado no *Correio Paulistano*, em 22 de setembro de 1922. Esse artigo foi levado à redação por Afonso Taunay, amigo de seu pai. Sérgio relata esse contato³ com o professor Taunay com muito carinho. Taunay descobriu, não se sabe como, que o jovem Sérgio tinha por hábito redigir impressões de leituras e de acontecimentos do dia. Tomou um dia essas anotações e começou a lê-las com atenção, levando-as para casa a fim de compreendê-las com vagar. De repente, relata Sérgio Buarque de Holanda, recebeu um telefonema de um amigo felicitando-o pelo belo artigo, “[...] assinado com meu nome, tudo em letra de forma, no mesmo jornal, nas mesmas colunas, onde costumavam sair os eruditos estudos do historiador de São Paulo e das bandeiras paulista.” (HOLANDA, 1962, p.75). Embora surpreso, Sérgio Buarque de Holanda não ficou aborrecido, e lembra de seu antigo professor, a quem deve seu primeiro passo a

² Este artigo pode ser encontrado em Barbosa (1989) e Holanda (1996).

³ Holanda (1962).

essa vida de escritor: “A carreira de autor, não a escolhi eu próprio: ela se ofereceu a mim. E tão generosamente se ofereceu, com tamanha gentileza, que não me pude negar a ela e nem mais consegui abandoná-la.” (HOLANDA, 1962, p.76).

No primeiro parágrafo do artigo “Originalidade Literária”, Buarque de Holanda diz: “A emancipação intelectual não é, nem podia ser, um corolário fatal da emancipação política”. E completa: “Mistral, com sua obra admirável na literatura provençal, demonstrou, à saciedade, que a independência intelectual de um povo não requer a emancipação política.” Nestas primeiras palavras, e ao longo de todo o artigo, que oficialmente o encaminham para vida profissional, observa-se alguns traços de sua vocação literária: o posicionamento frente a qualquer determinismo do político em relação à ciência ou à cultura, e o conhecimento aprofundado de autores clássicos e contemporâneos, às vezes desconhecidos até do povo letrado, comprovado pelas inúmeras citações ao longo de seus escritos de crítica literária e de história. Mas revela, principalmente, a “emancipação intelectual”, entendida por nós como marca do intelectual independente.

Em outro artigo, intitulado “*Il faut des barbares*”, Sérgio se pergunta quais seriam as características da nova era. Segundo ele, seriam “[...] a completa abolição de todos os *parti pris*, de todos os preconceitos, de todas as convenções idiotas, de todas as regras sem razão de ser, é a completa liberdade do artista.” (HOLANDA, 1996). Aqui a ideia de liberdade se faz presente. A defesa da liberdade total do artista remete, mais uma vez, a aversão às amarras estilísticas e estéticas, a qual dominaria toda sua produção. No final deste artigo, em tom quase apoteótico, Sérgio Buarque de Holanda conclui: “Surjam novos evangelhos, novas doutrinas, novas teorias, novas ideias, novas opiniões, novos artistas, novos profetas!”.

Por esses primeiros anos de contribuições ao *Correio Paulistano*, bem como ao *Jornal do Brasil*, a *Cigarra*, ao *Fon-fon* e à *Revista do Brasil* (2ª fase), Sérgio Buarque de Holanda teve um verdadeiro desprezo, por considerar as contribuições desprovidas de técnica e superficiais demais. Por isso, em vida, jamais pensou em publicá-los. Sérgio Buarque de Holanda era um perfeccionista, o que se reflete na pureza de um estilo sempre límpido e na sutileza do exercício mental, segundo Francisco de Assis Barbosa (1989), que reuniu e publicou pela primeira vez tais artigos em livro.

Sobre esses anos de juventude, a observação que, para nós, sintetiza a formação intelectual do jovem historiador, foi feita por Pennafort (1986, p.13):

Foi o maior leitor que conheci; não lia, devorava livros. Nos recintos mais barulhentos, tinha a invejável faculdade de fazer abstração do rumor e ler imperturbavelmente. A sua fome, sua sede de leitura eram inauditas, daí a sua prodigiosa informação, daí sua cultura que, além do seu talento, contribuiu para tornar o notável ensaísta, historiador, sociólogo, crítico de História e Literatura que é hoje.

“Sérgio é o anticafageste por excelência”, dizia Manuel Bandeira. O poeta também relata o seu encontro com Sérgio Buarque de Holanda, no Rio de Janeiro:

Nunca me esqueci de sua figura certo dia em pleno Largo da Carioca, com um livro debaixo do braço, e no olho direito o monóculo que o obrigava a um ar de seriedade. Naquele tempo não fazia senão ler. Estava sempre com o nariz metido num livro ou numa revista – nos bondes, nos cafés, nas livrarias. Tanta eterna leitura me fazia recriar que Sérgio soçobrasse num cerebralismo cuja única utilidade seria ensinar a escritores europeus de passagem pelo Rio a existência, desconhecida por eles, de livros e revistas de seus respectivos países. (BANDEIRA, 1987, p.90).

Sérgio Buarque de Holanda pertenceu a uma geração para a qual a vocação intelectual não supunha uma escolha profissional cedo estabelecida. Se isto apresentava o risco de criar um enciclopedista parasitário, tinha a vantagem de permitir que o letrado se familiarizasse com mais de uma área do saber (LIMA, 2002, p.18). Daí a indefinição de muitos sobre a verdadeira formação de Sérgio: “historiador”, “ensaísta”, “sociólogo”, “crítico literário”, etc. Mas, como veremos a seguir, Sérgio Buarque de Holanda se considerava **historiador**.

A publicação de vários artigos na imprensa fez com que o jovem historiador recebesse convites para atuar, de forma periódica, em alguns jornais. Assim, trabalhou como jornalista para a agência brasileira *Havas* e, posteriormente, para a *United Press*, colaborando, ainda, para *O Jornal*, *Rio-Jornal*, *A Idéia Ilustrada*, entre outros periódicos. Colaborou com o crítico literário nos *Diários de Notícias* e foi redator-chefe da *Associated Press*. A partir de 1946, já em São Paulo, continuou a colaborar para o *Diário Carioca* e a *Folha de São Paulo*, embora tenha se dedicado com mais profundidade às pesquisas históricas. A partir de 1954, sua contribuição nos diversos periódicos diminuiu substancialmente. Parece que as pesquisas históricas, definitivamente, ocuparam a maior parte de seu tempo. Após o ingresso na Universidade de São Paulo, em 1958, até a aposentadoria, em 1969, sua produção de crítica literária se resumiu a esparsos cinco artigos. Numa entrevista, Sérgio Buarque de Holanda (2004a) revela que suas contribuições jornalísticas sempre foram com o intuito

financeiro, ou seja, ganhar dinheiro. Não que isso resultasse num trabalho menor, pelo contrário, numa viagem aos Estados Unidos, como disse em tal entrevista, retornou com uma “biblioteca” sobre crítica literária, principalmente sobre o *new criticism*.

Em 1921, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, que ficava na Rua do Catete, onde se forma em 1925. A Faculdade de Direito não foi uma escolha. Em uma entrevista, Sérgio Buarque de Holanda revela que a opção pelo curso de Direito foi por acaso, já que foi a “primeira que apareceu”. Em suas palavras: “Naturalmente, eu precisava encontrar um lugar para estudar, mas não havia uma faculdade de filosofia que eu pudesse fazer.” (HOLANDA, 2004, p.5). Daí a escolha pela Faculdade de Direito. Para Miceli (2001, p.115),

Até meados da República Velha, a Faculdade de Direito era a instância suprema em termos de produção ideológica, concentrando inúmeras funções políticas e culturais. No interior do sistema de ensino destinado à reprodução da classe dominante, ocupava posição hegemônica por força de sua contribuição à integração intelectual, política e moral dos herdeiros de uma classe dispersa de proprietários rurais aos quais conferia uma legitimidade escolar. A Faculdade de Direito atuava ainda como intermediária na importação e difusão da produção intelectual europeia, centralizando o movimento editorial de revistas e jornais literários; fazia às vezes de celeiro que supria a demanda por indivíduos treinados e aptos a assumir os postos parlamentares e os cargos de cúpula dos órgãos administrativos, além de contribuir com o pessoal especializado para as demais burocracias, o magistério superior e a magistratura.

Grande parte dos escritores modernistas formou-se nas faculdades de Direito.

O escritor

Como referido anteriormente, Sérgio Buarque de Holanda sempre se posicionou contrário às amarras metodológicas. Na verdade, Sérgio Buarque de Holanda preocupava-se muito com a forma de apresentação de seu texto. Para isso, fazia várias revisões até se contentar plenamente e, mesmo assim, revia as novas edições. Destaca-se aí mais um traço importante do intelectual independente: clareza e rigor científico.

“O perfeito historiador precisa ser um grande escritor”, dizia Sérgio em referência a Lucien Fèbvre (HOLANDA, 1979, p.31). Percebe-se na leitura de seus escritos uma preocupação com a língua, com a clareza, deixando de lado as formas rebuscadas que confundem o leitor, este, sim, preocupação maior dele. Essa forma de escrever está presente não só em seus textos jornalísticos, mas também em seus livros e

artigos científicos. A intenção de Sérgio Buarque de Holanda é ser didático sem ser superficial, ser erudito sem ser pedante. Como já foi dito, ele foi um leitor voraz, vide sua biblioteca particular com mais de oito mil volumes, em cinco diferentes línguas; sabia de todos os lançamentos mundiais, leitor de jornais e revistas. Em suas palavras: “Os livros me deram o sentido da história. São a vida em comprimidos.” (ANDRADE, 1978, p.190).

Publicou vários livros e, desde os dezoito anos, colaborava com artigos em jornais e revistas, como vimos. Em uma entrevista dada a Homero Senna (1957, p.119), comentava que a tendência para escrever ele a sentiu desde muito cedo. Não saberia precisar como e por que se tornou escritor. Dizia: “Já em menino gostava de rabiscar minhas coisas. Fazia, então, um pouco de tudo, ao acaso: ficção, crítica, ensaio. Mas não publicava.” Escreveu até poesia, nunca publicada e mantida em segredo absoluto. Seus versos, ao que parece, foram lidos somente por Manuel Bandeira, que dizia que Sérgio Buarque de Holanda sabia fazer versos “no duro”.

Em diversos momentos, Sérgio Buarque de Holanda comenta sobre o difícil ofício de escritor e revela suas mais íntimas relações com as palavras:

O que eu consegui realizar – mal ou bem – não se deu por um presente milagroso. Foi uma conquista gradual sobre minha fraqueza, não sei se assumida ou congênita: eu falava ou escrevia como se fosse apenas para mim, sem pensar na pessoa a quem estava me dirigindo ou no leitor eventual. Disto resultam as obscuridades frequentes com que me deparo, ainda hoje, quando leio alguma coisa que escrevi algum tempo atrás, obscuridades que eu não percebia, apesar das advertências de meus amigos. Lentamente, tomei consciência da necessidade de moldar e dar forma a minha linguagem, cuidadosamente. Tentei fazer isto de maneira precisa e expressiva, ao invés de escrever bonito. Eu procurava a palavra certa, não uma florida – ou ‘florida’ – mas uma exata e incisiva. Isto demandava, às vezes, longa e cuidadosa pesquisa, e eu precisava ser conciso, senão o leitor, por não outra razão, cansa de você. [...] Quando falo escrever bem não significa, necessariamente, usar a gramática corretamente. Obras podem ser impecáveis quanto à sintaxe, mas difíceis de ler e entender; e vice-versa. Eu acredito que foi Lucien Febvre que disse que ‘o historiador perfeito deve ser um grande escritor’. Nenhum historiador sensato pode reivindicar sucesso, mas nenhum historiador pode deixar de tentar alcançá-lo. (GRAHAM, 1987, p.109).

Em seu discurso de posse na Academia Paulista de Letras, professa, em tom modesto:

Não sou escritor por vocação. Faltou-me o primeiro toque do verdadeiro escritor, do escritor ‘de nascença’, que é, ao menos no Brasil, o versificar e o rimar: nunca fui poeta. A expressão desembaraçada, a inspiração fácil, a livre e espontânea composição acham-se fora de meu mundo, ainda que em outros tempos escrevesse muito, até em demasia. Era, em verdade, um escrever atabalhado, sem método ou propósito. Catava assuntos, qualquer assunto servia, como colecionava selos. Não havia nisso uma vocação, havia uma obsessão. E se a vocação eu tive algum dia, bem depressa a perdi. De onde as infinitas relutâncias, os adiamentos, as interrupções que, para mim, andam invariavelmente associadas ao ato de escrever. (HOLANDA, 1962, p.74-75).

Já no final da vida, quando recebeu da União Brasileira de Escritores e a da *Folha da Manhã* o prêmio Juca Pato, na qualidade do ano de 1979, devido à publicação de seu último livro *Tentativas de Mitologia*, disse:

Tenho aguda consciência de minhas limitações pessoais como escritor, e confesso aqui, sem modéstia fingida, que hoje, na idade a que cheguei, o ato e o hábito de escrever me vão fugindo cada vez mais [...]. Meus últimos livros impressos, a começar por *Tentativas de Mitologia*, que, segundo ouço dizer, deu lugar ao prêmio, são velhas caricaturas vestidas de roupa nova. (HOLANDA, 1980, p.4).

Na introdução desse mesmo livro, *Tentativas de mitologia*, Sérgio Buarque de Holanda discorre várias páginas sobre o ofício do escritor, revelando seu gosto pela leitura dos cronistas portugueses antigos, “que não significava vocação embrionária para os estudos da história, [...] mas pela presença neles de palavras e construções curiosas que, para meu gosto da época, tinham o seu tanto de cômicas [...]”. (HOLANDA, 1979, p.18).

No texto “Doença infantil da Historiografia”, Holanda reforça tal ideia:

[...] a própria espessura: a complexidade, a heterogeneidade que distinguem o campo do historiador, pede que ele use generosamente dos recursos da linguagem, e esta nem sempre há de ser uma linguagem direta, porque o vocabulário disponível mal refletirá a variedade e complexidade das nuances que é preciso ter em conta. A busca da precisão pode ser às vezes laboriosa, sugerindo à primeira vista um rebuscamento e até um preciosismo vão, mas nem por isso há de ser simplesmente uma linguagem enfeitada, empolada ou rebarbativa. (HOLANDA, 2004b, p.122).

A preocupação obstinada com a escrita foi observada por outras pessoas. Sússekind (1992), por exemplo, comentando as novas edições de vários de seus livros, como *Caminhos e Fronteiras* e *Raízes do Brasil*, diz como elas foram minuciosamente

alteradas para “melhorar consideravelmente o texto”, dando talvez mais trabalho do que se tivesse feito outro livro. José Sebastião Witter, na edição de uma obra inacabada de Sérgio Buarque de Holanda, *O Extremo-Oeste* (HOLANDA, 1986), também corrobora a mesma observação acerca das revisões e releituras cuidadosas de seus trabalhos e da “infinitude de correções iniciais” encontrada em suas páginas. Para que o leitor possa observá-las, ele a reproduz em parte na sua introdução ao volume, publicado pela primeira vez em 1986. Witter, em outro momento, reforça essa ideia da verdadeira obsessão de Sérgio Buarque de Holanda pela escrita: “Você não pense que eu escrevo fácil. Para fazer uma obra, qualquer que seja ela, de um artigo a um livro, eu corrijo pelo menos quatro vezes.” (WITTER, 2002, p.11).

Perfeccionista, a facilidade com que ele escreve é, segundo Sérgio Buarque de Holanda, “relativa”, pois lhe custou “[...] aplicação obstinada, às vezes quase desesperada, de arrebatamentos, vigílias, insônias, leituras ou releituras, paciências, impaciências, horas de transe e desfalecimentos.” (HOLANDA, 1979, p.16). Pode parecer exagerado, mas Sérgio Buarque de Holanda não conseguia escrever ou mesmo dedicar-se a algum texto sem paixão e aprofundamento. Daí seu desprezo pelas obras de juventude e até mesmo com algumas teses em *Raízes do Brasil*.

Numa entrevista dada ao Museu da Imagem do Som (MIS), e só recentemente publicada, Sérgio Buarque de Holanda (2004a) revela que o modernismo não o ajudou a escrever bem no sentido gramatical: “Às vezes tenho de ir ao dicionário para ver como se escreve uma palavra. Quem me ajudou muito foi João Ribeiro, crítico literário do *Jornal do Brasil*. [...] Ele dizia que o mais importante não era a correção, mas a eufonia. Achei esse conselho tão bom que guardei até hoje.” (HOLANDA, 2004a, p.7). Nessa mesma entrevista, Sérgio Buarque de Holanda diz: “Sou mau escritor porque tenho dificuldade de escrever. Não sou um escritor nato”. Sabido dessas dificuldades, Sérgio Buarque de Holanda revela que, “[...] na acepção mais genérica, o bem escrever equivale ao escrever corretamente do ponto de vista da gramática.” (HOLANDA, 1979, p.20).

A sua erudição pode, em parte, ser explicada pelo domínio de cinco idiomas: inglês, francês, alemão, espanhol e italiano. Certa vez, conta o amigo Antonio Candido (1987), os dois começaram a se corresponder em português de trezentos anos antes, “uma língua tosca e irregular, presente nas Atas da Câmara, Autos de Visitação”, mas procurando dar notícias recentes. Era preciso muita imaginação, dizia Candido, para noticiar coisas até então inéditas na época, como o Estado de Minas Gerais ou o avião.

Sérgio Buarque de Holanda gostava dessas brincadeiras. Quando Candido estava em Nova York, Sérgio Buarque de Holanda enviou-lhe uma carta em inglês do século XVII, e depois uma carta em latim, que não obteve resposta porque Candido não conseguira traduzir. A desenvoltura que lidava com as línguas estrangeiras em qualquer época facilitou a assimilação dos lançamentos mundiais e de documentos históricos, o que lhe valia extrema admiração. Acredito que, por conta disto, ele tenha sido o primeiro a citar ou mesmo mencionar, entre nós, alguns autores que se tornaram conhecidos tempos depois, como foi o caso de Max Weber em *Raízes do Brasil*.

Sérgio Buarque de Holanda afirmava que sempre consultava dicionários, traço de respeito pela língua formal. Em um episódio de juventude, ocorrido dentro de uma agência de notícias, Sérgio Buarque de Holanda conta, em forma de diálogo, um conselho que recebeu de João Ribeiro, “um dos melhores conhecedores do idioma vernáculo no Brasil”, acerca do qual seria a forma correta entre duas proposições:

‘A rigor’, disse, ‘seria esta’, e indicou-me uma das alternativas apresentadas. ‘Mas’, acrescentou, ‘se preferir, não hesite em usar a outra. E quer saber mais? Procurando com cuidado, verifica-se que um sem-número de formas condenadas hoje pelos gramáticos são autorizadas pelos melhores clássicos da língua. E digo-lhe de uma vez por todas. Não se preocupe muito com essas coisas, que é perder tempo. Na dúvida, procure guiar-se pela eufonia, que é sempre a boa conselheira, e estará certo. (HOLANDA, 1979, p.21).

Com isso encontramos, mais uma vez, sugestões de caráter pessoal, aqui configuradas por um conselho amigo, mas que indicam que o historiador possui preocupações que passam ao largo das pequenices e minúcias da vida, mesmo em se tratando de toda formalidade da língua, mas que, para ele, também pode ser objeto de liberdade poética, tal qual “os melhores clássicos da língua”. O pedantismo e o rebuscamento da escrita dificultam esse diálogo necessário, levando ao isolamento do intelectual, problema que me parece ser essencial para ele, daí sua preocupação em se fazer entender. E, por fim, fica o alerta: “As palavras depositaram tamanha confiança no espírito crédulo dos homens, que estes acabaram por lhes voltar as costas.” (HOLANDA, 1996, p.214). Por isso esse extremo cuidado no uso das palavras, verificado pela busca de clareza e de senso da narrativa histórica e não pela fama e publicidade propiciados pelo jornalismo.

Assim, vemos que a preocupação de Sérgio Buarque de Holanda com a escrita, longe de ser uma atitude exagerada, teve por finalidade ser ouvido, compreendido, pois

a fina escrita leva, conseqüentemente, à formação de leitores. Para utilizar o rigor científico, o cientista não precisa de uma escrita dura e complexa⁴.

O crítico literário

Como vimos, Sérgio Buarque de Holanda colaborou em diversos jornais e revistas, escrevendo críticas literárias. Seus inúmeros artigos comprovam a atualidade, o rigor quanto ao método, à crítica exata, à erudição necessária e, principalmente, à apresentação da obra para o grande público, pois ele sempre esteve atualizado com os principais lançamentos nacionais e estrangeiros. Autodenominado historiador, ele nunca se preocupou muito com seus artigos de crítica literária, tendo até certo desprezo pelos artigos de juventude. Mesmo assim, podemos verificar a simbiose existente entre o crítico e o historiador, duas áreas distintas, mas que, na pena de Sérgio Buarque de Holanda, se completam.

Sobre os artigos de crítica literária, diz Sérgio Buarque de Holanda (1979, p.15):

Quando recebi a incumbência de fazê-los, movido por necessidades mais imperiosas do que minha vontade ou vocação, o remédio era fazer o que se podia esperar de um crítico literário [...]. O caso foi que logo cuidei de enfronhar-me em tudo o que houvesse de mais atual então e de mais fecundo no tocante às técnicas de criação e crítica literária, comprando ou encomendando no estrangeiro publicações especializadas, ou apelando para a boa vontade de amigos mais bem informados do que eu sobre o assunto, que se prontificaram a emprestar-me livros ou revistas de que ia necessitando.

Sergio Milliet considerou de grande importância na vida de Sérgio “essa excursão pela crítica literária”. Acreditava que, sem isso, ele “não teria atingido a leveza de explanação, a limpeza de linguagem, a capacidade de seleção que são o apanágio dos que souberam especializar-se sem algemarem como escravos à especialização”. E acrescenta: “A crítica literária e a prática do ensino fizeram de Sérgio Buarque de Holanda um escritor. É o que é, acima de tudo, e é o que dá a seus livros áridos um encanto que entre os historiadores não se vislumbra comumente.” (MILLIET, 1987,

⁴ Segundo Said (2005), as representações do intelectual com suas articulações, por uma causa ou ideia diante da sociedade, não têm como intenção básica fortalecer o ego ou exaltar uma posição social. Tampouco têm como principal objetivo servir a burocracias poderosas e padrões generosos. As representações intelectuais são as **atividades em si**, dependentes de um estado de consciência que é cética, comprometida e incansavelmente devotada à investigação racional e ao juízo moral; e isso expõe o indivíduo e coloca-o em risco. Saber usar bem a língua e saber o quando intervir por meio dela são duas características essenciais da ação do intelectual.

p.98).

Da mesma forma para Damazio (2002, p.134),

[...] essa atenção constante para o novo, aliada à coerente busca pela autêntica criatividade literária e a um conhecimento amplo de autores e críticos, tanto clássicos quanto modernos, são alguns dos elementos que embasaram a atividade de Sérgio Buarque de Holanda como crítico de literatura.

A sua produção científica no domínio da crítica literária reúne-se em três grupos:

1) textos de pesquisa erudita ao nível da história intelectual luso-brasileira dos nossos primeiros quatro séculos, em que aprofunda, revê e atualiza a relação dialética entre as matrizes europeias e a cultura das terras conquistadas; 2) estudos diversos, seja sobre a teoria do Barroco ou do Neoclássico, seja sobre obras e autores desses períodos, mas que se estendem sobre as ideologias dominantes no primeiro século e considerações que adentram pelo Oitocentos; 3) considerações sobre o ofício da crítica e atualização dos critérios de análise especificamente literária que tem lugar nos decênios de 1940-60; abordagens de autores e problemas de literatura internacional contemporânea ou moderna, e o exame crítico, específico de obras e autores brasileiros do momento, avaliados na circunstância do seu aparecimento (EULÁLIO, 1993).

Após retornar da Alemanha, Sérgio Buarque de Holanda não abandona a crítica literária, escrevendo sistematicamente, por breves períodos, em 1940-41 no *Diário de Notícias*, de 1947 a 1953, no *Diário Carioca* e na *Folha da Manhã* de São Paulo, de 1948 a 1950 de novo no *Diário de Notícias*, mais tarde no suplemento Literário de *O Estado de São Paulo* e em 1979 no *Jornal da República* de São Paulo.

Em 1948, quando retoma as suas atividades como crítico literário, nas páginas de *O Diário de Notícias*, depois de mais de seis anos afastado dessa atividade, revela:

Ao deixar a atividade regular de crítico literário, eu não imaginava retomá-la algum dia. Prefiri por muito tempo conservar-me o que fora sempre, um 'bissexta' da crítica, sem mais obrigações e responsabilidades do que escrever em horas vagas sobre livros que ocasionalmente me interessavam. (HOLANDA, 1996, p.35).

Percebe-se que, no período de trabalho na USP, entre 1958 e 1969, Sérgio Buarque de Holanda se afasta da crítica literária. São poucos os artigos publicados neste período. Segundo ele próprio,

Nunca tive, realmente, muito amor à crítica que fiz em caráter transitório, como ganha-pão. Depois, não tenho mais tempo para leituras diversas e análises críticas. Não posso ter outras preocupações. Todo o meu tempo disponível, inclusive sábados e domingos, é dedicado à cátedra universitária e às minhas obras. (HOLANDA, 1959, p.6).

Segundo Süsskind (1992), seria o caso de ampliar a reflexão sobre as relações entre essas duas vertentes – crítica e historiográfica – na trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda. E, em particular, sobre a contribuição da análise do trabalho de Sérgio Buarque de Holanda para uma definição do ‘intelectual modernista brasileiro’.

A faceta de crítico literário, ainda pouco reconhecida, foi a porta de entrada para a interpretação da sociedade engendrada por Sérgio Buarque de Holanda nas primeiras décadas de sua vida. De fato, essa atividade, como ele mesmo revela, não era um ofício que lhe agradara muito, mas foi de fundamental importância para a maturidade intelectual do jovem historiador, pois lhe possibilitou manter-se atualizado com praticamente tudo o que se publicava no mundo, já que ele lia e comprava livros em diversas línguas, além de ter desenvolvido a fina escrita, tão importante para a futura vida acadêmica.

Considerações finais

Ao resgatar a sua formação, pudemos perceber que a liberdade de pensamento esteve presente desde o primeiro parágrafo de seu primeiro texto. De fato, essa “emancipação intelectual” era a sua maior crítica em relação aos intelectuais brasileiros, sempre interessados pelo que vinha de fora e distantes dos reais problemas do País. Isso mudou, em parte, com o modernismo, corrente artística que procurou (re) descobrir o Brasil, e com o qual Sérgio Buarque de Holanda manteve forte diálogo e intensa proximidade. O modernismo contribuiu para estabelecer esse interesse pelas coisas do Brasil e toda sua diversidade cultural.

A fina escrita e o rigor científico marcam todos os textos de Sérgio Buarque de Holanda e, a nosso ver, são características indeléveis do intelectual independente, que na verdade é um intelectual público, ou seja, aquele que se dirige ao grande público de forma clara e didática, mas consistente.

Ao fazer uma análise da formação intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, pudemos perceber, também, que sua trajetória perpassou a crítica literária e, embora não

fosse de total agrado dele, permitiu lapidar sua escrita e ampliar o conhecimento em outras áreas. Daí a ideia de Sérgio Buarque de Holanda – escritor. Isso foi de fundamental importância para a sua formação, pois foi devido a essa trajetória ímpar que permitiu a ele aliar rigor científico e liberdade poética. O uso de metáforas da natureza em seus escritos são a prova cabal dessa aliança.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. **Labirinto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BANDEIRA, M. Apresentação. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, p.90-91, 1987.

BARBOSA, F. de A. (Org.). **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

CANDIDO, A. Amizade com Sérgio. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, p.132-133, 1987.

.

GARCIA, S. G. **Destino ímpar**: sobre a formação de Florestan Fernandes. São Paulo: 34, 2002.

GRAHAM, R. Uma entrevista. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, p.102-109, 1987.

HOLANDA, S. B. Corpo e alma do Brasil: entrevista de Sérgio Buarque de Holanda. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 69, p.03-14, 2004a.

HOLANDA, S. B. Sobre uma doença infantil da historiografia. In: COSTA, M. (Org.). **Por uma nova história**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004b. p.113-127.

HOLANDA, S. B. **O espírito e a letra I**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

HOLANDA, S. B. **O extremo Oeste**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HOLANDA, S. B. Os dias de hoje lembram os de 45. **O Escritor**, São Paulo, v.1, n.4, p.4, jun./jul. 1980.

HOLANDA, S. B. Gosto arcádico. In: HOLANDA, S. B. **Esboço de figura**: homenagem a Antonio Candido. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979. p.327-353.

HOLANDA, S. B. Discurso do Sr. Sérgio Buarque de Holanda. **Revista da Academia Paulista de Letras**, São Paulo, v.22, n.67, p.64-83, 1962.

HOLANDA, S. B. História brasileira num castelo medieval. **Tribuna da Imprensa**, [S.l.], p.14-15, nov. 1959.

LIMA, L. C. Visão do paraíso e o cimento do método. **Revista Cult**, São Paulo, v.5, n.58, p.58-64, 2002.

MICELI, S. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MILLIET, S. À margem da obra de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, p.96-99, 1987.

PENNAFORT, O. **O jovem Sérgio**: Sérgio, renovador: exposição comemorativa dos 50 anos de Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

SAID, E. W. **Representações do intelectual**: as conferências Reith de 1993. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

SENNA, H. **República das Letras**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

SILVA, H. R. **Fragmentos da história intelectual**: entre questionamentos e perspectivas. Campinas: Papyrus, 2002.

SÜSSEKIND, F. Outra nota: comentário ao texto “nota breve sobre Sérgio crítico”, de Antônio Arnoni Prado. In: COLÓQUIO DA UERJ, 3., 1992, Rio de Janeiro. **Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.136-145.

WITTER, J. S. Sérgio Buarque de Holanda, catedrático por excelência. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n.2, p.9-16, 2002.